

SOCIEDADE E CONDIÇÃO HUMANA NA MODERNIDADE

CARLOS ANTONIO DE SOUZA MORAES
(ORGANIZADOR)



SOCIEDADE E CONDIÇÃO HUMANA NA MODERNIDADE

CARLOS ANTONIO DE SOUZA MORAES
(ORGANIZADOR)



Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
S678	<p>Sociedade e condição humana na modernidade [recurso eletrônico] / Organizador Carlos Antonio de Souza Moraes. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-964-6 DOI 10.22533/at.ed.646202401</p> <p>1. Ciências sociais – Pesquisa – Brasil. I. Moraes, Carlos Antonio de Souza.</p> <p style="text-align: right;">CDD 301</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Obra “Sociedade e Condição Humana na Modernidade” objetiva promover o debate científico através de problematizações que integram seus onze capítulos. De forma geral, apresenta reflexões referentes as transformações societárias contemporâneas, sob a égide do capitalismo e, seus impactos sociais, particularmente, na qualidade de vida a partir do trabalho, na relação com as mídias digitais, com as campanhas publicitárias, do homem com o meio ambiente, no campo da educação e no tratamento do Alzheimer.

Tais pesquisas foram desenvolvidas em instituições de ensino de diferentes regiões do Brasil e apresentam análises pautadas em relevância acadêmica e impacto social. Para sua construção, metodologicamente, os autores recorreram, predominantemente a estudos bibliográficos, a fim de contribuir para descortinar aparências e fundamentar os conhecimentos daqueles que se interessam pelos temas ora apresentados que, por sua vez, foram categorizados em 05 blocos, a saber:

O primeiro, compreendido entre o capítulo 01 e 03, problematiza as transformações contemporâneas do capital, o mal-estar social e o trabalho como garantia de qualidade de vida, realização de necessidades e satisfação pessoal e profissional; O segundo, organizado entre os capítulos 04 e 05 aborda temas vinculados a relação do homem com o meio ambiente, bem como, analisa as diferentes formas de tratamento de afluentes domésticos; Posteriormente, o bloco 03, discute, entre os capítulos 06 e 07, as principais tendências pedagógicas e suas características. Além disso, problematiza o modelo escolar ocidental de formação, refletindo a respeito da escola contemporânea e seus mecanismos de atuação; O bloco 04, entre os capítulos 08 e 10, recorre inicialmente, ao filme “Lavoura Arcaica” (Luís Fernando Carvalho, 2001), construindo análise fílmica, literária e de linguagem historiográfica. Posteriormente, analisa como a ideia de nostalgia midiática é explorada nos meios de informação. Além disso, destaca o poder de influência dos dispositivos midiáticos na erotização dos corpos femininos. Nesta perspectiva, analisa a objetivação dos sujeitos femininos como meros produtos de consumo em uma sociedade patriarcal, sexista, machista e heteronormativa. No bloco 5, o capítulo 11 finaliza abordando a importância da musicoterapia utilizada como recurso terapêutico para o tratamento de pacientes com Alzheimer.

Diante disso, o livro acessado pelo leitor, apresenta problematizações que contribuem para repensar o tempo presente na direção de construção de uma sociedade menos adoecida e desigual, que valoriza o humano na sua condição de dignidade e reflexão crítica, promovendo possibilidades do leitor indagar-se sobre os

determinantes e significados dos temas ora descritos, elaborando nestes processos, outras perguntas de pesquisa.

Carlos Antonio de Souza Moraes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O FETICHE DO CAPITAL E O REENCANTAMENTO DO MUNDO	
Marcus Baccega	
DOI 10.22533/at.ed.6462024011	
CAPÍTULO 2	16
AS CONSEQUÊNCIAS DA MODERNIDADE: OS “LÍQUIDOS” E A SOCIEDADE DE CONSUMIDORES	
Natalia Maria Casagrande	
Janaina de Oliveira	
Diego José Casagrande	
DOI 10.22533/at.ed.6462024012	
CAPÍTULO 3	28
QUALIDADE DE VIDA: O IMPACTO NA RELAÇÃO HOMEM-TRABALHO	
Rosineia Oliveira dos Santos	
Luís Fernando Ferreira de Araújo	
Edmilson Augusto de Lima	
Arnaldo Silva Santana Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.6462024013	
CAPÍTULO 4	49
ECOSOFIA AMBIENTAL E A RELAÇÃO DO HOMEM E A NATUREZA NA SOCIEDADE MODERNA	
Kellison Lima Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.6462024014	
CAPÍTULO 5	58
ANÁLISE DA EFICIÊNCIA DO TRATAMENTO DE ESGOTO POR ZONA DE RAÍZES NA REMOÇÃO DE NUTRIENTES	
Elsa Daiana Correa Morel	
Otávio Augusto Barbosa	
Henrique Correa da Silva	
Rafael Rick Niklevicz	
Patricia Biondo	
Guilherme Migliorini	
DOI 10.22533/at.ed.6462024015	
CAPÍTULO 6	64
TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS: PERSPECTIVAS E REFLEXÕES PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA	
Aracéli Girardi	
DOI 10.22533/at.ed.6462024016	

CAPÍTULO 7	77
O PONTO DE VISTA DA ANIMALIDADE E OS PODERES ATUAIS DA ESCOLA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE A ÉTICA DA PROFANAÇÃO DE GIORGIO AGAMBEN	
Filipe Kamargo de Santana	
DOI 10.22533/at.ed.6462024017	
CAPÍTULO 8	89
O TEMPO E A HISTÓRIA NA OBRA <i>LAVOURA ARCAICA</i>	
Matheus Silva Falcão Renata Brauner Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.6462024018	
CAPÍTULO 9	103
A NOSTALGIA NAS MÍDIAS DIGITAIS: UMA BREVE ANÁLISE DAS REDES SOCIAIS DO CANAL VIVA	
Bruno Vieira Leonel	
DOI 10.22533/at.ed.6462024019	
CAPÍTULO 10	115
CORPOS, EROTISMO E BIOPODER: UM ESTUDO COMPARADO ENTRE AS CAMPANHAS PUBLICITÁRIAS DA CERVEJA DEVASSA DE PARIS HILTON E SANDY	
Lília Batista da Conceição	
DOI 10.22533/at.ed.64620240110	
CAPÍTULO 11	124
A INFLUÊNCIA DA MUSICOTERAPIA NO TRATAMENTO DE DOENÇA DE ALZHEIMER	
Denise Henrique da Silva Luís Sérgio Sardinha Fábio Guedes de Souza Valdir de Aquino Lemos	
DOI 10.22533/at.ed.64620240111	
SOBRE O ORGANIZADOR	133
ÍNDICE REMISSIVO	134

O PONTO DE VISTA DA ANIMALIDADE E OS PODERES ATUAIS DA ESCOLA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE A ÉTICA DA PROFANAÇÃO DE GIORGIO AGAMBEN

Data de aceite: 17/01/2020

Data de submissão: 14/11/2019

Filipe Kamargo de Santana

Universidade Federal de Pernambuco /Centro de Educação. Recife-PE.

Link Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K8180750Y6>

RESUMO: Esta pesquisa se insere nos debates acerca dos chamados *estudos animais*, buscando, a partir desse elemento, fomentar questões para reflexão sobre a escola contemporânea e seus mecanismos de atuação. Focando especificamente nas reflexões do pensador italiano Giorgio Agamben, apreendidas enquanto *guias* para a elaboração de uma crítica ao modelo escolar baseado no que Peter Sloterdijk denomina de *humanismo domesticador*. Para isso, problematiza-se a questão da animalidade em sua relação com os processos de reconhecimento do humano e as dinâmicas de in/exclusão vigentes nos processos de formação; onde o *perspectivismo ameríndio* de Eduardo Viveiros de Castro fornece elementos capazes de auxiliar a profanação desse modelo escolar ocidental de formação. Se trata de uma pesquisa situada no campo da Filosofia da educação contemporânea que, do

ponto de vista metodológico, fazendo uso da noção de *profanação* de Giorgio Agamben, a fim de ressignificar a animalidade nos discursos antropológicos que fundamentam a educação ocidental.

PALAVRAS-CHAVE: Animalidade; Humanismo; Profanação; Educação formal.

THE POINT OF VIEW OF ANIMALITY AND THE CURRENT POWERS OF THE SCHOOL: AN EXPLORATORY STUDY ABOUT THE ETHICS OF DESECRATION OF GIORGIO AGAMBEN

ABSTRACT: This research fits in the debates about the called *animal studies*, searching, from this element, foster issues for reflection about contemporary school and yours actuation mechanisms. Focusing specifically on the reflections of the Italian thinker Giorgio Agamben, seized as guides for the elaborating a critique of the school model based on what Peter Sloterdijk called *domesticating humanism*. For this, problematizes the issue of animality in your relationship with the processes of human recognition and the dynamics of inclusion and exclusion in force in the training processes; in which the *amerindian perspectivism* of Eduardo Viveiros de Castro provides elements capable of assisting the desecration of this western school model of formation. It is a research situated in

the field of the philosophy of contemporary education, making use of the notion of *desecration* of Giorgio Agamben in order to resignify the animality in anthropological discourses that underlie western education.

KEYWORDS: Animality, Humanism; Desecration; Formal education.

INTRODUÇÃO

Na satisfação, os amantes, que perderam o seu mistério, contemplam uma natureza humana tornada perfeitamente inoperante – a inoperância e o *descevement* do humano e do animal como figura suprema e insolúvel da vida. (AGAMBEN, 2013, p. 143).

É sobre a *figura do animal* que o trabalho de pesquisa que sustentou o presente trabalho se orienta, tanto como justificativa para a construção do problema, quanto para a definição dos objetivos e ferramentas teórico-metodológicas adotadas.

A animalidade tem sido desde o nascimento do pensamento filosófico ocidental vista como um ponto a ser evitado, um espaço de afastamento, um lugar de onde parte uma diferença ontológica, a partir da qual se faz a fundamentação do que é ou não um ser humano qualificado enquanto tal. A clássica apresentação aristotélica do homem como um animal político; a divisão platônica do homem enquanto uma cisão entre matéria e alma, sendo a alma o real e o essencial do humano. Percebe-se com clareza que o animal é como uma espécie de *outro* abjeto, aquilo do qual devemos nos afastar para favorecer o engrandecimento do dito “homem” e da sua “humanidade”.

Nesse sentido, afirma o filósofo italiano Giorgio Agamben, que, todo aparato e concepção do que é um ser humano da antiguidade a modernidade emergiria amparado em uma *exclusão do animal*, da animalidade presente no humano, *enquanto uma negação inclusiva de si* (2013). Assim, é imensa a contribuição do pensamento filosófico para a imagem humana que prevaleceu/prevalece no Ocidente e se tornou fundamento de ação sobre os sujeitos. Foram muitos os autores, clássicos e modernos, que tematizaram o animal (Aristóteles, Platão, Hobbes, Kant, Descartes, Heidegger e etc.), e entre eles essa figura segue um padrão de marginalização da animalidade.

Nas discussões positivistas do século XVI, a disputa entre natureza/cultura se apresentou na reflexão teórica ocidental de modo acirrado, chegando ao clímax no século XVIII quando o ser humano adquire o estatuto de ser único e especial dentro do ecossistema mundial (SANTOS, 2008). Por outro lado, ao longo do século XX, as várias críticas endereçadas ao paradigma antropocêntrico dominante nas ciências abriram novas questões as humanidades (SANTOS, 2008).

É nesse contexto que os pensadores pós-estruturalistas, pós-críticos e etc. vão

retomar a questão animal no âmbito da filosofia para questionar o seu próprio modo de operar filosófico. Autores como Agamben tomam o signo da animalidade como um princípio para renovar e restabelecer o olhar sobre a humanidade e sobre o outro. Trata-se de perceber o animal como próximo, como presente, não apenas como anterior ao homem, mas enquanto lugar de configuração dos processos políticos envolvidos na chamada humanização dos sujeitos.

Na escola, esse lugar de hegemonicamente racional, marcado por um pensamento kantiano e iluminista, o objetivo é docilizar e acomodar os corpos em função de uma domesticação e distanciamento dos elementos selvagens das massas (SIBILIA, 2012). Isso porque, sua formação tem visado apenas tornar o homem cada vez mais “aclimatado a uma existência medíocre”, vidas assujeitadas a um processo que elimina sua capacidade crítica e ampliação de seus horizontes, educar se torna uma “arte de por homens enfileirados” (FREITAS, 2015).

Uma vez que, como demonstram Peter Sloderdijk (2000) e Boaventura de Souza Santos (2008), o humanismo não conseguiu abarcar e superar as dificuldades e problemáticas imanentes ao projeto social e epistêmico da modernidade (superar a partir da razão todas as mazelas humanas). Na brecha deixada em suas tramas, parece ter surgido um lugar para pensar questões até então marginalizadas, e a animalidade enquanto princípio motor para uma renovação da experiência dos sujeitos enquanto reformadora dos princípios que regem a humanidade é uma delas.

Tomar a animalidade enquanto chave para pensar os processos educativos, significa apostar em um pensamento em torno e nas margens do humano, isto é, fora dos conceitos hegemônicos do humanismo domesticador, promovendo uma reviravolta na forma como apreendemos os processos formativos do humano na atualidade. Nesse sentido, o *perspectivismo ameríndio*, a partir das vidas indígenas, atrelado a uma ação profanadora da escola, abrirá espaço para o emergir de outras relações possíveis com a animalidade.

METODOLOGIA DO TRABALHO

A pesquisa teve um caráter qualitativo e bibliográfico, focando uma análise de caráter filosófico-educacional sobre os processos éticos e políticos de subjetivação dos sujeitos, tendo como foco o pensamento do filósofo italiano Giorgio Agamben. Professor da Universidade de Verona, Agamben é um pensador complexo, profundo e figura de destaque no cenário tanto filosófico como político contemporâneo.

O seu conceito de *profanação* se destaca nessa pesquisa, enquanto ferramenta metodológica, para pensar os processos de resistência aos mecanismos de poder e controle dos sujeitos, analisando a incapacitação para a ação dos indivíduos no campo político e social. Por que “Profanar significa abrir a possibilidade de uma

forma especial de negligência, que ignora a separação, ou melhor, faz dela um uso particular.” (AGAMBEN, 2007, p. 66). Retornar as mãos dos sujeitos aquilo que foi, de alguma forma, sacralizado a partir de ideais de existência, repensar os princípios escolares sob a ética da profanação é trazer para esse espaço vozes que ele insiste em excluir de si.

Mais especificamente questiona-se: *O que pode a animalidade atrelada ao perspectivismo ameríndio suscitar no processo educacional escolar estando em papel de protagonismo?* Por tanto, a figura da animalidade adquire uma relevância vital de discussão e encontra no perspectivismo ameríndio de Eduardo Viveiros de Castro potência de reflexão para a formação escolar contemporânea. Profanar a figura da animalidade passa justamente por repensar sua presença nos discursos pedagógicos. Trata-se de tornar o excluído protagonista, não apenas protagonista, mas um ponto para onde a educação escolar necessita olhar para se tornar capaz de dar conta da pluralidade que é a experiência de humanidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O humanismo domesticador e a crise do projeto humanista ocidental

Para o filósofo alemão Peter Sloterdijk, que se apresenta atualmente como um dos grandes críticos do imaginário e pensamento ocidental, o eu fabricado pelos discursos humanistas se encontra fixado em um ponto de vista único, idealizado e essencializado. Um sujeito fixo, que é responsável pela apreensão e significação de tudo e de todos ao seu redor. Com isso, o autor critica duramente o movimento humanista e seus procedimentos de domesticação dos sujeitos.

[...] o humanista assume o homem como dado de antemão e aplica-lhe então seus métodos de domesticação, treinamento e formação – convencionado que está das conexões necessárias entre ler, estar sentado e acalmar. (SLOTERDIJK, 2000, p. 39).

O humanismo ao mesmo tempo em que idealiza o *ser* do ser humano, opera por exclusões seletivas de tudo que foge e escapa dessa normalização, daquilo que não se enquadra no seu conceito de humanidade. Não é à toa, defende Sloterdijk, que a escola se torna um dos grandes motores dessa mentalidade, uma vez que, é nela que se estabelecem os modelos e os modos de comportamentos que são aceitos como “humanizadores” (SLOTERDIJK, 2000, p. 13).

A crítica de Sloterdijk ao humanismo exemplifica a atuação desses dispositivos junto aos sujeitos, que havia tomado para si a missão de favorecer as melhores influências, através, sobretudo, da alfabetização universal, tornando o ser humano apto a viver de forma racional através do poder dos textos e da própria ciência.

Assim, é “parte do credo do humanismo a convicção de que os seres humanos são “animais influenciáveis””, mas para o bom funcionamento social é “imperativo prover-lhe o tipo certo de influências” (SLOTERDIJK, p.17, 2000).

Cabe então ao humanismo, como ideia e como ideal, retirar os indivíduos de sua situação de “selvageria”, de sua “infância”, e inseri-los propriamente no campo da civilização através da leitura e da escrita. A educação seria algo que atuaria como uma ação preventiva à barbárie. O problema é que, o humanismo que tomou a formação dos sujeitos como guia, parece não ter cumprido com as suas propostas para com a humanidade (por fim as guerras, fome e sofrimento da humanidade).

De fato, o ideário humanista não pôde conter as atrocidades da guerra, e “o desembrutecimento do ser humano” o uso das “boas leituras” para conduzir os sujeitos através da domesticação ao modelo perfeito de sociedade e de humanidade já não fazem tanto sentido (SLOTERDIJK, 2000, p.16-17). As promessas humanistas não conseguiram dar fim aos antigos flagelos da humanidade e com isso perde sua credibilidade no mundo contemporâneo. A sociedade de leitores-escritores, diz Sloterdijk, está em plena falência, o que mantinha substancialmente o humanismo de pé, cada dia mais se torna um reflexo de um passado distante (2000).

O projeto humanista, nada mais é, do que um propulsor dos dispositivos de poder agambenianos, concretizando o cerceamento e a exclusão das diferenças dos ideais de humanidade contemporâneos. Giorgio Agamben, autor que se dedicou por anos as análises interessadas em discussões a respeito da linguagem e a formação dos sujeitos em sua relação com a mesma. Esse filósofo e pensador Italiano tem se debruçado atualmente, de forma intensa ao estudo da temática da Forma de Vida dos sujeitos, seja de maneira mais central como no seu projeto Homo Sacer, ou de forma mais ética em seus textos recentes (BAPTISTA, 2017). Agamben é um pensador potente, seus textos portadores de uma beleza e riqueza imensas também são pautados em uma luta consistente para o desmascaramento dos padrões racionais e normativos vigentes.

Sua inserção no campo de discussão política ocorre a partir de 1990. Nesse momento, ele envereda na discussão sobre a biopolítica e governamentalidade, seguindo e ampliando as análises de Michel Foucault. Giorgio Agamben vem destacando novos pontos para as análises a respeito dos procedimentos de captura dos sujeitos nas sociedades ocidentais, mantendo-os em seus dispositivos de poder, dóceis e submissos. Os dispositivos em Agamben são estruturas de poder que acompanham o processo de antropogênese, fazem parte daquilo que forma a concepção do que é o homem. São mecanismos de “fabricação” do humano.

A produção do sujeito é conquistada por meio do seu assujeitamento; o dispositivo que surge como um ideal de elevação dos valores humanos torna-se uma desumana colheitadeira que arranca até a raiz tudo que está a sua frente, seja fruto ou erva

A partir disso, o conceito de profanação (Agamben, 2009) entra em questão fornecendo elementos capazes de favorecer outras formas de pensar e lidar com os mecanismos de formação do humanismo. Profanar é um modo de (r)existir, uma ação que apresenta o ser dos sujeitos e sua ação de resistência, a partir de um uso fora do utilitarismo contemporâneo, que ele faz dos mecanismos sociais vigentes. Consagrar, ao contrário, era o termo que designava a “saída das coisas da esfera do direito humano, profanar significa, ao contrário, restituir ao livre uso dos homens” (AGAMBEN, 2009, p. 45). Profanar, portanto, é recolocar em xeque os valores que se apresentam como sacros, que se colocam como ideais, fora do campo de ação efetiva dos sujeitos situados em um campo concreto de experiências. Profanar, portanto, é lutar contra uma sociedade que desvinculou dos sujeitos o seu potencial de ação e de não ação. A profanação desabilita os dispositivos do poder soberano. Nas palavras de Agamben (2009, p. 45), ela “é o contradispositivo que restitui ao uso comum aquilo que o sacrifício tinha separado e dividido”.

Especificamente, neste caso, profanamos o conceito e a relação do projeto de formação que o humanismo propõe, alocando a animalidade (seu ponto de constante exclusão) como ponto central ao gesto de educar. Esse termo para qual a educação olha com desprezo e como o que deve ser excluído e abandonado no homem, se torna nesse espaço de escrita o princípio ao qual a educação deve dedicar maior interesse para em sua prática. A profanação aparece aqui como a força motora de deslocamento de ponto de vista, retirando o que a educação toma por questão a ser excluída, para o ponto essencial ao processo de formação do homem.

A profanação da máquina antropológica e a relação com a animalidade

Antes de seguir com a discussão proposta, se faz necessário um aprofundamento no conceito agambeniano de máquina antropológica, bem como, junto as manifestações de seu funcionamento. Nesse sentido, é estarrecedora a forma como Agamben começa seu livro *O aberto: o homem e o animal* (2013), no qual a imagem suscitada é de uma bíblia judaica, representam-se nela homens com feições de animais, sendo esses os justos aguardando serem salvos pelo messias (AGAMBEN, 2013). Que animal é esse homem? Que animal é esse que se afastou tanto daquilo que é em si o seu fundamento primeiro?

Trata-se de um animal cuja força se desfez, cuja vida se esvaziou, cuja racionalidade assumiu o posto principal, mas cuja figura dessa bíblia hebraica do século XIII reúne a sabedoria de uma animalidade e o elemento humano em seus momentos de redenção e salvação. Algo curioso e talvez muito estranho para o

pensamento ocidental, mas que tem em si uma riqueza ímpar para a renovação e/ou para o surgimento de uma nova postura e olhar sobre o humano.

Visto que em Agamben, o ser humano é portador de um vazio, um vazio de ser, onde os elementos humanos são construídos a partir de uma vivência histórica e social. A animalidade se tornou historicamente um signo para qual o homem não olha com solidariedade, mas sim com repúdio, pois a visão humana sobre o animal o diminui enquanto ser de existência instintiva e sem possibilidade racional. A partir disso torna-se distenso entender o funcionamento da máquina antropológica que nos move, um mecanismo que partilha como função principal em nossas vidas, estabelecer o processo de antropogênese humana “por meio da oposição homem/animal, humano/inumano, a máquina funciona necessariamente por meio de uma exclusão (que é também e sempre há uma captura) e uma inclusão (que é também uma exclusão).” (AGAMBEN, 2013, p. 64).

A máquina antropológica do humanismo é um dispositivo irônico, que verifica a ausência para o Homo de uma natureza própria, mantendo-o suspenso entre uma natureza celeste e uma terrena, entre o animal e o humano – e seu ser, portanto, será menos e mais do que ele próprio. (AGAMBEN, 2013, p. 53)

Na máquina dos modernos “o fora é produzido por meio de um dentro e o inumano animalizando o humano”, já na máquina dos antigos “o dentro é obtido por meio de uma inclusão de um fora, o não homem por meio da humanização de um animal” (AGAMBEN, 2013, p. 64). Ou seja, com os modernos o homem é produzido pela exclusão do animal que vive nele, que está junto ao elemento humano; junto aos antigos o homem é obtido através da vivência social, é o nascimento do humano dentro de um animal. Em ambos os casos a máquina opera dentro de um vazio humano que lhe é central. E nesse vazio que de fato fundamenta a abertura essencial do que é o homem, “o verdadeiramente humano que deve surgir é apenas o lugar de uma decisão incessantemente atualizada a qual a separação e articulação são sempre deslocalizadas e adiadas novamente.” (AGAMBEN, 2013, p. 65).

Como argumenta o filósofo italiano, em Martin Heidegger a animalidade habita o mundo como uma parte do ambiente, uma parte do ambiente que interage apenas entre si, com seus próprios signos e em seu próprio nicho de modo “que “nenhum animal pode entrar em relação com um objeto como tal”, mas somente com os próprios portadores de significado” (AGAMBEN, 2013, p.72). O animal se encontra então nesse espaço onde está no aberto (num mundo passível de receber significações praticamente infinitas) e dentro desse aberto não é aberto. O animal se encontra nesse momento de abertura, mas não consegue, como o homem conseguiu, romper com essa relação e se desvencilhar do fechamento (a vida presa a um conjunto fechado de significados) que marca sua interação com o mundo ao seu redor.

Percebe-se então que: “o aberto não é outra coisa senão uma imobilização do não aberto animal. O homem suspende a sua animalidade e, desta maneira, abre uma zona “livre e vazia” na qual a vida é capturada e abandonada em uma zona de exceção” (AGAMBEN, 2013, p.130), mas que deveria estar em constante abertura ao animal. No entanto, essa abertura se tornou em um espaço de “vale tudo”, onde a animalidade se tornou saco de pancada a ser incluído para se excluir no processo de humanização do sujeito. A antropogênese tem tomado o animal como o indesejado no homem, aproveitando-se do vazio ao qual o sujeito está intrinsecamente ligado para tornar o signo animal fadado ao abandono, destruição ou controle; nunca se abrindo a uma relação.

Esse princípio de formação humana que objetifica tudo aquilo que não é considerado humano, ao humanizar o homem abre mão de toda uma gama imensa de possibilidades de aprendizado para uma formação de sujeitos mais conscientes e preparados a desenvolver uma interação outra com o mundo. A educação tem como papel excluir do homem seus impulsos bestiais, seus traços animais. Com isso, também cria um ponto de interação com os outros sujeitos onde a partir do momento que não se encaixam no padrão desse maquinário se tornam animais a serem excluídos da sociedade e sujeitados aos mandos e desmandos do poder (SLOTERDIJK 2000; SIBILIA,2012).

Tomando isso como ponto de partida, Agamben apresenta a ideia que habita o pensamento heideggeriano como um problema, tendo em vista que: se o homem é uma suspensão da animalidade que deve estar aberta a ela, então, como pensar o homem sem o signo da animalidade, como pensar o homem como um totalmente fora da animalidade? (AGAMBEN, 2013, p.121). É importante redescrever as bases de relação que fundamentam a edificação do que é o homem, estando agora, fora do jogo ao qual a humanidade se submete a milênios graças a ação da máquina antropológica. Ir além do animal e do humano, estabelecer a construção dos sujeitos fora dessas distinções cujas limitações nos levam a uma relação fatídica com a terra e entre nós mesmos.

Como operar dentro desses princípios? Quais as implicações disso na formação e no perfil escolar ao qual nós estamos inseridos? Ao levar em conta o perfil traçado na profanação da máquina antropológica que Agamben propõe, buscamos a seguir e fazer reverberar essas questões no meio educativo.

Formar fora da máquina: o perspectivismo ameríndio e a formação dos sujeitos

Eduardo Viveiros de Castro, tem se tornado peça chave para uma nova compreensão a respeito da concepção de vida e de mundo dos povos indígenas americanos em contraste aos povos ocidentais. Em seu texto *Os pronomes*

cosmológicos e o perspectivismo ameríndio (2016), apresenta a diferença entre as visões de mundo dos povos indígenas das Américas e o sistema de pensamento ocidental. Em seu texto o autor foca nas diferenças de concepção de *cultura* e *natureza*, que se tornam visíveis no encontro desses dois povos, apresentando os traços marcantes que representam a própria organização social e subjetiva desses dois polos de formação de sujeitos.

Os indígenas têm como o ponto partilhado por todos os seres vivos a *cultura*, e as diferenças as quais estamos fadados a ter, são de caráter da *natureza*. Ou seja, todos os seres vivos partilham a mesma *cultura*, mas se diferenciam por suas *naturezas*, pelos seus corpos, a maneira como seus corpos experimentam a experiência da vida. Ponto de vista oposto ao ocidental, que acreditam haver uma mesma *natureza* a todos os seres vivos, mas se questionam a respeito da possibilidade de os mesmos possuírem o elemento *cultural* e racional.

O corpo se torna o campo de construção da relação dos sujeitos com o mundo e com isso também adquire aspecto central na formação dos indígenas. É no corpo que a vida se torna fator principal, nas várias possibilidades de vivenciar o mundo de acordo com o corpo ao qual a alma utiliza: “A *Bildung* ameríndia incide sobre o corpo antes que sobre o espírito: não há mudança “espiritual” que não passe por uma transformação do corpo, por uma redefinição de suas afecções e capacidades.” (VIVEIROS DE CASTRO, 2016, p. 132). Essa diferença de concepção de mundo, diferença de concepção cosmológica, torna a forma como o indígena se forma muito diferente da formação do ocidental eurocentrado “Em suma: o etnocentrismo europeu consiste em negar que outros corpos tenham a mesma alma, o ameríndio, em duvidar que outras almas tenham o mesmo corpo.” (VIVEIROS DE CASTRO, 2016, p.130).

A reflexão básica das comunidades indígenas sobre o outro é estabelecida na tentativa de entender como ele vivencia o mundo, entender como esse outro apreende a vida a partir de sua natureza, respeitando sua forma de vida e sua necessidade enquanto sujeito portador de uma cultura em comum entre todos os vivos. Vem dos povos indígenas uma possibilidade de renovação do aspecto formador do humano, um pensar fora de uma máquina que inclui excluindo. Os índios se relacionam com o mundo ao seu redor como parte dele, como se nele vissem semelhantes a serem respeitados e mais do que isso honrados em suas diferenças de perspectivas.

Nessa visão, “se o multiculturalismo ocidental é o relativismo como política pública, o xamanismo perspectivista ameríndio é o multiculturalismo como política cósmica.” (VIVEIROS DE CASTRO, 2016, p.121), esse movimento mostra uma forma diferente de formar os sujeitos. Uma relação com o outro e com o mundo fora do padrão de superioridade humana, fora do olhar que vai ao outro para julgar e excluir dele a sua possibilidade de pertencimento, dignidade e existência.

A proposta para a desativação (ou profanação da mesma) da máquina antropológica é uma proposta de suspender a potencialidade da mesma. Trata-se aqui de lidar com uma possibilidade de formação do sujeito que não impõe a ele uma essencialidade do humano, que para existir está ligada a uma exclusão de algo que faz parte da nossa existência. Desligar a máquina é promover uma abertura ao novo e ao que pode se desenvolver na humanidade a partir desse novo. Abrir espaço ao animal que temos em nós e que temos e em nossas relações com o mundo, se tornar o aberto que de fato somos.

Dentro dessa visão o perspectivismo ameríndio aparece aqui como uma amostra viva dessa questão, o que Giorgio Agamben apresenta em seu trabalho não se retrata como um simples delírio utópico, mas sim uma possibilidade viva. Basta que o Ocidente dê a si mesmo a chance de emergir uma nova postura de relação que possa abolir as intolerâncias e preconceitos e procurar entender os muitos *outros*, ver e interagir com o mundo a partir de outros possíveis olhos. Agamben expressa a necessidade de abrir a possibilidade de novos horizontes de formação dos sujeitos, de uma nova forma de lidar com os princípios que movem o sujeito ocidental, literalmente deixar emergir o novo para fundar uma outra perspectiva de relação dos sujeitos consigo e com o mundo.

A escola deve abrir espaço para a animalidade, abrir espaço para a profanação da máquina antropológica, e ao atrair para o centro da educação aquilo que a mesma insiste em excluir do processo educativo, fundar uma outra forma de educar. Trata-se de aprender a compreender o que o outro tem a nos ensinar dentro de suas características próprias. Educar os sujeitos para um abrir-se a experiência da vida, aptos a receber e aceitar o novo, o meio ambiente e toda uma cosmologia em suas especificidades. O signo da animalidade enquanto motor pedagógico se torna um signo propagador de uma pedagogia de respeito e interação, que recebe o novo de braços abertos e aptos a aprender junto ao mesmo.

Aprender com a animalidade é operar dentro do surgimento de um algo novo “uma vida nova e mais bem aventurada, nem animal nem humano.” (AGAMBEN, 2013, p.142). Não se trata fazer um desses dois aspectos triunfar, trata-se de olhar sob nova estética, encontrar uma nova forma de viver, algo que Viveiros de Castro nos apresenta a partir de um viver arcaico e que tem muito a ensinar ao ocidente. Deixar surgir outros modos de vida sem modelos e que não tenham seu emergir vinculados ao tratamento do homem, do animal e do mundo como algo que não faz parte de todas as experiências de existência.

CONCLUSÕES

A partir da discussão apresentada nesse trabalho é possível formular questões

potentes para reflexões junto a educação contemporânea. A escolarização dos sujeitos na sociedade atual se constrói pautada na manutenção de ideais de humano, não conseguindo abarcar a necessidade humana de constituir-se de forma aberta em meio a sua existência. O potencial limitador que o humanismo tem empregado junto ao seu modelo escolar tem sido propagador de uma série de facetas, muitas vezes monstruosas, da humanidade cujas próprias promessas da *humanitas* tentaram e não conseguiram sanar. A escola se torna o ambiente de propagação dos ideais humanistas, se torna o campo de formação do ser humano amparado sobre essas formas de viver e existir.

Nessa perspectiva a animalidade aparece nos trabalhos de Agamben como o ponto ao qual a humanidade excluiu de seu ser, mas que não consegue evitar relacionar-se e partilhar o mundo. Giorgio Agamben nos convida a refletir sobre uma formação que quebre as barreiras da exclusão-inclusiva do animal, e conseqüentemente, que se abra a uma renovação constante do sujeito, trata-se de formar para o emergir constante do homem dentro de sua abertura fundante.

Profanamos as palavras de Agamben, trabalhando essa temática sob a lógica de abrir possibilidades a uma profanação da instituição escola, alocando em seus princípios esse o abraço a animalidade e a pluralidade de sujeitos, espécies, da própria vida como um todo. Questões que podem proporcionar um potencial de reinvenção do campo pedagógico e educacional.

Trata-se de dar possibilidades ao campo educativo sob uma nova dimensão de operação, uma formação dos sujeitos que tem como característica principal salientar e abraçar o potencial ilimitado que a experiência humana pode ter quando aliada a animalidade e ao olhar para o mundo como ponto espaço de aprendizagem e também portador de sabedoria.

Trata-se de destruir a máquina e estabelecer um novo princípio de organização da humanidade, tendo em vista favorecer a experiência de vida dos sujeitos, de formação escoar, capaz de se construir coletivamente e fora dos idealismos humanistas.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O aberto**: O homem e o animal. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2013.

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Tradução e apresentação Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

BAPTISTA, Mauro Rocha. **Notas sobre o conceito de vida em Giorgio Agamben**. Disponível em: <http://www.periodicos.unc.br/index.php/prof/article/viewFile/632/417> Acesso: 20/04/2017.

FREITAS, Alexandre Simão. Domesticação, zoopolítica e incorrigibilidade... Ou o devir-besta da escola em vigiar e punir. *In*: **Repensar a educação**: 40 anos após vigiar e punir. São Paulo: Livraria

da Física, 2015.

SANTOS, Boaventura Souza. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2008.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: A escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SLOTERDIJK, Peter. **Regras para o parque humano** – uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v2n2/v2n2a05.pdf> Acesso: 12/12/2016.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alzheimer 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134
Animalidade 77, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 86, 87, 134

B

Bem-estar 28, 29, 39, 41, 42, 129, 134
Biopoder 3, 115, 117, 118, 134

C

Campanhas publicitárias 115, 121, 123, 134
Capitalismo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 14, 15, 18, 19, 32, 46, 53, 54, 55, 67, 134
Consumo 8, 9, 23, 24, 26, 38, 39, 62, 103, 104, 108, 115, 116, 117, 119, 121, 122, 123, 134
Corpo feminino 117, 120, 134

E

Ecologia 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 134
Ecosofia ambiental 49, 51, 53, 54, 55, 56, 134
Educação brasileira 64, 66, 134
Educação formal 77, 134
Efluentes 58, 59, 60, 134
Estudo comparado 115, 134

F

Fetiche do capital 1, 7, 15, 134
Filosofia 1, 10, 11, 12, 13, 14, 49, 50, 52, 55, 68, 76, 77, 79, 108, 134

H

História e cinema 89, 134
Humanismo 77, 79, 80, 81, 82, 83, 87, 88, 134

I

Imagens 47, 90, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 130, 134

L

Literatura e cinema 89, 134

M

Meio ambiente 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 63, 86, 134
Mídia 57, 104, 105, 109, 111, 113, 115, 116, 117, 118, 121, 122, 123, 134
Mídias digitais 103, 134
Modernidade 2, 3, 4, 6, 12, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 26, 49, 50, 78, 79, 91, 113, 134

Musicoterapia 124, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 135

N

Nostalgia 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 113, 135

O

Obra lavoura arcaica 89, 135

P

Poder 8, 9, 12, 14, 18, 21, 22, 26, 36, 39, 42, 44, 45, 52, 54, 71, 72, 79, 80, 81, 82, 84, 115, 116, 117, 118, 123, 135

Prática docente 64, 65, 68, 76, 135

Profanação 77, 79, 80, 82, 84, 86, 87, 135

Psicologia 35, 46, 47, 105, 124, 125, 128, 129, 131, 132, 135

Q

Qualidade de vida 28, 29, 30, 31, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 59, 125, 126, 129, 130, 131, 135

R

Realização humana 28, 32, 135

Redes sociais 103, 105, 106, 110, 113, 114, 135

Relação homem-trabalho 28, 30, 32, 41, 46

Religião 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 13, 135

S

Sociedade de consumidores 16, 23, 24, 25, 135

T

Tempo e imagem 89, 135

Tendências pedagógicas 64, 65, 66, 74, 75, 76, 135

Tratamento 37, 41, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 86, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 135

W

Walter benjamin 1, 4, 11, 13, 14, 15, 135

 **Atena**
Editora

2 0 2 0